



CAPOEIRA E EDUCAÇÃO SOCIAL: DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E POLÍTICOS PARA A SUA PRÁTICA EDUCATIVA

Fernando Carneiro Machado Ennes*

Walter Ernesto Ude Marques**

Resumo – O presente artigo é fruto de reflexões geradas a partir de uma pesquisa de doutorado que buscou investigar a contribuição da Capoeira na constituição de territórios de identidade negra na cidade de Belo Horizonte. Ao compreender a categoria identidade como um conceito polissêmico no mundo acadêmico, mas fundamental quando se discute territórios e matrizes culturais constitutivas dos sujeitos, o estudo aponta para a necessidade da utilização de novas abordagens teóricas que desafiem nossos pressupostos epistemológicos fundados no pensamento ocidental moderno. Dessa forma, procurando romper com o olhar eurocêntrico colonial e assinalando possíveis articulações com o campo da educação social, o presente estudo aguça para a perspectiva de uma abordagem pautada no Pensamento Complexo proposto por Morin (2010) e na Teoria Histórico-Cultural desenvolvida por Rey (2013), bem como a perspectiva decolonial assumida por Mignolo (2003, 2010) e Sodré (1988) como uma alternativa que ofereça sustentação teórica e possibilite uma melhor compreensão dos fenômenos propostos como tema de estudo deste trabalho.

Palavras-chave: Capoeira. Identidade. Cultura. Educação social. Complexidade.

INTRODUÇÃO

Historicamente, desde os seus primórdios, a Capoeira apresenta uma dimensão educativa e política muito evidente. Sua emergência no Brasil se consolidou por meio da luta contra a escravatura imposta pelos colonizadores europeus portugueses – em ânsia de liberdade –, numa perspectiva anticolonial que defendeu a libertação dos negros africanos escravizados.

* Doutorando em Estudos do Lazer pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO-UFMG). Professor do curso de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). *E-mail:* mbocao@hotmail.com

** Doutor em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da EEFFTO-UFMG e do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação e pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação da Faculdade de Educação da UFMG. *E-mail:* walterudebh@hotmail.com

Essa dimensão libertadora se interliga com os pressupostos da educação social que, também, na sua história apresenta traços marcantes de compromisso em defesa dos oprimidos, como se pode observar, por exemplo, nas proposições teóricas e práticas de Paulo Freire (1921-1997), por meio da pedagogia da libertação.

Diante disso, este artigo propõe-se a discutir quais articulações são possíveis de serem construídas quando se interliga a Capoeira às práticas de educação social junto a distintas populações. Para isso, priorizamos o campo do lazer como interlocutor desse diálogo, tendo em vista que o estudo está situado no programa da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO-UFMG). Nesse aspecto, lazer seria uma atividade complexa que integra distintos elementos constitutivos na sua configuração como a cultura, a diversão, o lúdico, o entretenimento, a educação, o esporte, o ócio e a contemplação, de um modo dialógico com outras dimensões humanas.

Um desafio muito claro para essa interlocução se evidencia na postura paradigmática a ser empregada diante de uma prática cultural de matriz africana, a qual adota uma pedagogia circular, como propõe Renata Ramos (2002), oposta à pedagogia quadrada e linear de origem eurocêntrica que se foca na disciplina, na ordem e no controle, com vistas a produzir corpos e mentes disciplinados para uma sociedade capitalista. Esse verdadeiro contrassenso pedagógico tem sido tema de vários debates educacionais, principalmente hoje com a implementação de escolas integrais e integradas, e a legitimação do estudo de temas afro-brasileiros no conteúdo escolar, conforme a Lei n. 10.639/03 (BRASIL, 2003). No entanto, é possível observar embates em práticas de educação social que são organizadas em espaços que atuam além da escola, como projetos sociais e culturais, já que essa tradição eurocêntrica tende a escolarizar de modo linear propostas no âmbito da pedagogia social, ou seja, produzem uma visão escolarizada da pedagogia de um modo prescritivo e homogeneizante.

Nesse ponto, estudos como o de Roberto Kanitz (2011), realizado no programa de pós-graduação, sinalizam como a Capoeira Angola apresenta na sua prática de ensinamento uma pedagogia africana oculta, a qual Sodré (2002) nomeia pedagogia do segredo, configurando-se de forma velada um *ethos* ancestral possuidor de uma matriz identitária advinda da tradição africana, que se conecta ao sagrado. Essa consciência provoca e convoca a rever pressupostos epistemológicos e políticos no enfrentamento de políticas que negam ou negligenciam aspectos históricos constitutivos da identidade do povo negro e dos praticantes da Capoeiragem.

Um caso ilustrativo desse estranhamento frente a duas propostas pedagógicas antagônicas, uma de matriz africana e outra de origem eurocêntrica, se deu com um mestre de Capoeira Angola em uma escola pública da cidade de Belo Horizonte (MG), na qual as professoras o tratavam como oficineiro. Diante desse tratamento, o mestre questionou a refe-

rência a sua pessoa com uma nomenclatura que não o reconhecia como um mestre guardião da cultura afrodescendente, e o enquadrava numa classificação genérica, desqualificando sua representação no mundo da Capoeiragem. Esse confronto o deixou indignado e, perante a situação, fez a seguinte indagação à escola: "Eu não sou oficineiro, eu sou mestre! Por acaso você é auleira?", referindo-se à professora que o tratou de forma estranha para o seu *ethos*.

Esse questionamento poderia levar a inúmeras discussões acerca do contexto pedagógico escolar que ainda ignora ou desconhece saberes ancestrais constitutivos da cultura. No entanto, para a finalidade deste texto, apenas retrata-se esse caso para elucidar como as distintas perspectivas não dialogam nos seus aspectos históricos, ontológicos, epistemológicos e políticos. Basta lembrar que a Capoeira não tem "tios" ou "tias" como é comum, em boa parte das escolas brasileiras, para se referir ao professor ou à professora, mas, sim, um mestre ou uma mestra que se responsabiliza pelo grupo ao qual o praticante está vinculado. Essa diferença ancestral ilustra a diferença que evidencia a discussão entre educação social e Capoeira. Diante disso, indagamos: com que olhar o educador social articula a Capoeira à sua proposta educativa?

Para o enfrentamento dessa discussão, apresentamos, a seguir, um item que trata de aspectos históricos e ontológicos da Capoeira que podem auxiliar esse debate, no intuito de problematizar nossas concepções teóricas e nossas práticas educativas.

ALGUNS ASPECTOS ONTOLÓGICOS DA CAPOEIRA: A CONFIGURAÇÃO IDENTITÁRIA DE UM MOSAICO ÉTNICO-RACIAL

A Capoeira representa um fenômeno complexo que articula diversos elementos de distintas matrizes africanas e outros componentes sincréticos da cultura brasileira em uma única manifestação. Nesse aspecto, observa-se, de modo destacado, no Dossiê Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil, obra do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a seguinte consideração:

A Capoeira é uma manifestação cultural que se caracteriza por sua multidimensionalidade – é ao mesmo tempo dança, luta e jogo. Dessa forma, mantém ligações com práticas de sociedades tradicionais, nas quais não havia a separação das habilidades nas suas celebrações, característica inerente à sociedade moderna (IPHAN, 2007, p. 11).

É por meio de seu caráter cultural, ou de manifestação cultural, que sua aproximação e diálogo com o campo do lazer é vista. Nesse sentido, Gomes (2004, p. 125) compreende o lazer como:

[...] uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.

No entanto, é importante ressaltar que a ambiguidade presente na Capoeira representa parte constitutiva de sua forma, na qual não pode ser compreendida em sua essência por meio de uma visão fragmentada que não articule suas distintas dimensões. Essa complexidade está representada no próprio jogo que caracteriza a Capoeira, como propõe Reis (1997, p. 216): "não é um esporte, mas é, não é uma dança, mas é, e não é uma luta, mas é". O IPHAN (2007, p. 11) também se refere a isso dizendo que:

Ainda que alguns praticantes priorizem ora sua face cultural, seus aspectos musicais e rituais, ora sua face esportiva, a luta e a ginástica corporal, a dimensão múltipla não é deixada de lado. Em todas as práticas atuais de Capoeira, permanecem coexistindo a orquestração musical, a dança, os golpes, o jogo, embora o enfoque dado se diferencie de acordo com a singularidade de cada vertente, mestre ou grupo.

Dessa maneira, mostra-se necessário reconhecer novas possibilidades de pontos de vista para o estudo dessa manifestação cultural do lazer que ultrapassem perspectivas eurocêntricas que tradicionalmente adotam um caráter dicotômico para abordar a realidade. A Capoeira e outras manifestações culturais de matriz africana nos convocam a eleger um novo paradigma, capaz de reconhecer a complexidade da configuração do mosaico constitutivo das suas expressões, devido à diversidade de elementos étnicos que compõem suas práticas sociais.

Assim, a Capoeira desafia nossos pressupostos epistemológicos fundados no pensamento ocidental moderno. Desse modo, o empírico questiona a teoria na ação da pesquisa e vice-versa. Não se pode adotar uma concepção tradicional de que o lazer não permite outra lógica, que não seja a do modelo ocidental, para dialogar criticamente com outros povos, distintas culturas e diferentes realidades. Nessa abordagem, predominantemente pautada na visão eurocêntrica do fenômeno, "as possibilidades de que o lazer seja compreendido a partir de outros parâmetros, e de forma situada, ficam minimizadas ou até mesmo excluídas" (GOMES, 2011, p. 5).

Talvez essa discussão se aproxime do que Edgardo Lander (2005) sugere ser a geopolítica do conhecimento no campo acadêmico, conceito utilizado por ele para destacar como a produção do conhecimento atualmente segue uma marcada orientação do pensamento ocidental sobre o mundo. Christianne Gomes e Rodrigo Elizalde (2012), problematizando esse mecanismo de produção do conhecimento no campo do lazer no contexto latino-americano, fazem referência a um processo de colonialidade do saber, o qual ocultaria, ou mesmo impe-

diria, diferentes possibilidades de abordagens para aquelas práticas realizadas em contextos orientados por lógicas distintas da orientação de mundo ocidental. Nesse aspecto, Bruno Nigri (2014, p. 12) sugere:

Nesse trajeto de construção de conhecimento, visualiza-se uma polarização em uma única lógica de abordagem acerca do homem, uma abordagem que tem como perspectiva a produção de argumentos que não consideram a produção da vida como totalidade, concluindo, dessa forma, noções fragmentárias, dicotômicas. Dentro dessa lógica, percebe-se dualidades como: sujeito e objeto; natureza e cultura; e, também, lazer e trabalho, sendo esta uma importante marca do campo de pesquisa.

A perspectiva colonial eurocêntrica do saber em contextos sociais culturalmente plurais, como no caso do Brasil, leva a uma compreensão deturpada e descontextualizada das práticas sociais e de suas expressões culturais que, ao serem observadas por uma óptica dicotômica, deixam de ser compreendidas em seus referenciais identitários complexos e no seu real sentido. Esse processo de produção do conhecimento, geralmente alheio às especificidades dos diferentes contextos, muitas vezes, leva à invisibilidade dos sujeitos e de suas práticas culturais que operam em lógicas distintas daquela forjadas pelo pensamento moderno ocidental.

Dessa forma, considera-se o paradigma moderno ocidental incapaz de oferecer uma visão adequada para o estudo dessas manifestações culturais que se caracterizam por sua multidimensionalidade, pois fragmentam essas dimensões. Assim, acredita-se que uma perspectiva dialética e complexa que possibilite integrar os vários elementos constitutivos dessa matriz cultural policêntrica, que concebe a vida como articulações entre natureza e cultura, corpo e mente, cultura, festa e política, torne-se mais pertinente para a análise desses fenômenos afrodescendentes.

Quando se propõe a articular a prática cultural da Capoeira e a constituição identitária dos seus praticantes, tal como este estudo se propôs a problematizar, sugere-se o mesmo tipo de abordagem para o estudo da categoria identidade. Cabe destacar, então, a perspectiva de compreensão assumida neste trabalho para essa categoria, já que se trata de um conceito polissêmico e polêmico no mundo acadêmico, mas fundamental quando se discute territórios e matrizes culturais constitutivas dos sujeitos.

No contexto de um mundo globalizado, em meio à velocidade de suas transformações socioculturais, a identidade tem se destacado como uma questão essencial nas discussões contemporâneas. O processo de reestruturações globais vivenciado no cenário pós-moderno traz a emergência de novos movimentos sociais e, com eles, o debate sobre identidades nacionais, étnicas, de gênero, dentre outras, os quais buscam a certificação de identidades pessoais e culturais e colocam em questão uma série de certezas tradicionais. Esse processo reforça o argumento de que existe uma crise de identidade nas sociedades contemporâneas.

Kathryn Woodward (2000, p. 39) destaca que "os processos históricos que aparentemente sustentavam a fixação de certas identidades estão entrando em colapso, e novas identidades estão sendo forjadas, muitas vezes, por meio da luta e da contestação política".

Tendo em vista a problematização apresentada, torna-se necessária uma maior compreensão do que é tratado por noção de identidade, tendo em vista as diferentes perspectivas teóricas e áreas de pesquisa no campo de estudos dos processos identitários.

Vários autores, como Vincent de Gaulejac (2014), Erving Goffman (1988), Stuart Hall (2005) e Walter Marques (2000), destacam que distintas áreas do conhecimento científico exploram o conceito de identidade e contribuem para a constituição de um campo polissêmico em suas abordagens para tentar compreender os fenômenos pesquisados. Etimologicamente, o termo identidade representa um vocábulo que tem origem no latim *idem*, e significa "o mesmo" ou "a mesma", remetendo a uma noção de algo idêntico, estável, estático. Tal noção parece facilitar a definição de identidade como simplesmente aquilo que é igual, semelhante.

Pode-se perceber, porém, a identidade através da diferença. Quando é feita a referência à existência de uma determinada identidade, isso só acontece porque existem outras identidades possíveis para aquela mesma situação. A forma afirmativa como se expressa a identidade tende a esconder essa relação. Porém, só é necessário dizer que uma pessoa é alguém porque existem outros indivíduos que não são, que são diferentes. Desse ponto de vista, a discussão da identidade remete para a alteridade numa relação dialógica de complementaridade e antagonismo. Em outras palavras, a identidade de um se distingue da identidade do outro por aquilo que ela não é.

As dimensões políticas da identidade, tais como se expressam, por exemplo, nos conflitos nacionais e étnicos e no crescimento dos novos movimentos sociais, estão fortemente baseadas na construção da diferença. [...] A marcação da diferença é crucial no processo de construção da identidade (WOODWARD, 2000, p. 39).

A identidade é, assim, marcada pela diferença. No entanto, observam-se duas perspectivas para a compreensão da noção de identidade: 1. a perspectiva essencialista que vê a identidade e a diferença como realidades isoladas, autorreferenciadas, algo que remete a si mesmo, fornecendo uma visão dicotômica do fenômeno e evidenciando a noção de continuidade e estabilidade da identidade e dos sujeitos; 2. a perspectiva não essencialista, que traz uma visão dialética para o processo e concebe, como proposto por Marques (2000, p. 263), "a experiência da semelhança e da diferença como realidades distintas de um mesmo processo constitutivo da identidade, sendo que ora se contradizem e ora se complementam".

Sobre esse tema, Woodward (2000) indica que uma perspectiva essencialista da identidade sugere que existe um conjunto cristalino, autêntico de características que todos os sujeitos

de um grupo de mesma identidade partilham e que não se alteram ao longo do tempo. Já uma perspectiva não essencialista focalizaria as diferenças, assim como as características partilhadas em diferentes grupos com identidades distintas, e levaria em conta em que a definição daquilo que significa ter a identidade de um determinado grupo tem se transformado ao longo dos tempos (WOODWARD, 2000). Dessa forma, uma visão não essencialista da identidade evidencia que

Ao se falar do idem, fala-se do diferente, uma contradição que permite identificar as diferenças e as semelhanças que caracterizam o processo de formação das identidades. No entanto, [...] trabalhar com esses polos de forma dicotomizada produz um olhar estanque, em que semelhança passa a ser entendida como homogeneização de distintos sujeitos e diferenciação como uma maneira separatista de enxergar o mundo (MARQUES, 2000, p. 267).

Assume-se, assim, a necessidade de adotar uma perspectiva não essencialista como aporte teórico para a análise do processo da constituição da identidade, por considerar que, por meio de uma perspectiva dialética, que considera o caráter fluido e cambiante e o constante movimento de mutação e conservação e de construção e constituição simultâneas que configura a formação da identidade, seja possível apreender uma visão mais adequada acerca desse fenômeno. Cabe ressaltar ainda que, como indicado por Rutherford (1990, p. 19-20), "[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação".

A observação desse autor destaca o caráter relacional, social, cultural, político e histórico da identidade. Cabe ainda enfatizar que ela está localizada em um ponto específico no tempo, na intersecção da história atual e passada dos indivíduos. Nota-se, assim, o caráter complexo que envolve esse conceito, realçando a necessidade de uma perspectiva dialética para sua compreensão.

Nesse sentido, é desafiador compreender os fenômenos da psicologia social com uma base teórica dialética e complexa, na qual o indivíduo e o social não constituem uma dicotomia, nem se excluem reciprocamente. Fernando Luis González Rey (2003) propõe pensar em temas de natureza social através de uma teoria de base histórico-cultural. Nessa concepção, os temas de natureza social são compreendidos como

[...] um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconheçamos sua gênese histórico-social, isto é, não associada somente a experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação dentro da constituição subjetiva da história do agente de significação, que pode ser

tanto social como individual [...] os processos sociais deixam de ser vistos como externos em relação aos indivíduos, ou como um bloco de determinantes consolidados, que adquirirem o status do objetivo diante do subjetivo individual, para serem vistos como processos implicados dentro de um sistema complexo, a subjetividade social, da qual o indivíduo é constituinte e, simultaneamente, constituído (REY, 2003, p. 202).

Cabe ressaltar aqui que, para Rey (2003), a subjetividade é a dimensão mais ampla do ser humano. É nela que articulamos todas as nossas outras dimensões. Assim, pode-se considerar a identidade uma dimensão da subjetividade, ou, seguindo o raciocínio do autor, considera-se a subjetividade uma dimensão mais ampla da identidade. Ao assumir essa perspectiva, pode-se compreender que

A identidade pessoal é ao mesmo tempo produto da sociedade e produto da ação do próprio indivíduo. Se chega a esta consequência como resultado da compreensão da pessoa humana como um ser de história: a identidade pessoal se forma na confluência de uma série de forças sociais que operam sobre o indivíduo e diante das quais o indivíduo atua e se faz a si mesmo. Ao atuar, o indivíduo gera uma realidade e a conhece como tal, porém por sua vez a ação se torna possível pelas forças sociais que se renovam no indivíduo (BARÓ, 1989 apud REY, 2003, p. 201).

Como resultado da confrontação entre as configurações subjetivas constituídas na história de um sujeito concreto e as condições concretas dentro das quais esse sujeito atua em um determinado momento, surgem situações em que se apresenta a necessidade de o sujeito reconhecer a si mesmo dentro dessa configuração, delimitando o espaço em que encontra a congruência consigo mesmo na situação que está enfrentando. É nesse momento que emerge sua identidade, que pode ser definida como um sistema de sentidos que se articula a partir do confronto entre o histórico e o atual, com os elementos de sentido em jogo dentro da situação definindo emoções que se evidenciam (REY, 2003). Dessa maneira, percebe-se que

[...] o sentido de reconhecimento que o sujeito experimenta no curso irregular e contraditório de suas próprias ações. A identidade não é uma formação intrapsíquica, é um sentido que aparece de forma simultânea nas configurações subjetivas do sujeito e nas emoções e significados produzidos pela delimitação social de seu espaço de ações e relações (REY, 2003, p. 230).

Tendo em vista o debate delineado acerca da Capoeira, apresentando-a como uma prática cultural complexa e tema de estudo do campo do lazer, e da perspectiva assumida neste

trabalho para discutir os conceitos de identidade, acredita-se que uma abordagem pautada no pensamento complexo proposto por Edgar Morin (2010) e na teoria histórico-cultural desenvolvida por Rey (2013) a partir dos estudos de Lev Vygotsky (1896-1934), bem como influências de pensadores do movimento decolonial que emerge no hemisfério sul como Paulo Freire (1992), Walter D. Mignolo (2003, 2010) e Muniz Sodré (1988), ofereça sustentação teórica para romper com o olhar eurocêntrico colonial, possibilitando uma abordagem capaz de fornecer uma melhor compreensão do fenômeno proposto como tema de estudo deste trabalho e suas possíveis articulações com o campo da educação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma continuidade cultural da África nas Américas. É necessário reconhecer o papel das artes e da cultura como conhecimento e tecnologia trazidos para a formação do território brasileiro pelos povos africanos que aqui chegaram desde a época colonial. As instituições negras no Brasil não foram apenas espaços de festa e religião, mas também espaços políticos de negociação da existência e da identidade negra na sociedade brasileira. Dessa forma, ao pensarmos em educação social, é fundamental convergir as artes e as culturas negras como processos para a inclusão e reconhecimento do povo negro, de sua identidade e de sua cidadania, compreendendo-as como instrumentos de mudança social, de resistência e luta. Nesse sentido, como destacado por Roberto Kant de Lima e Magali Alonso de Lima (1991, p. 148),

[...] vale a pena mergulhar no estudo das instituições culturais que, apesar desta naturalização, insistiram em manter-se como autônomas e independentes, características de uma identidade pública – e política – diferente, que recusou o rótulo cômodo do anonimato. O estudo da Capoeira, instituição fortemente vinculada à identidade negra no Brasil, parece oportuno para discutir e exemplificar algumas questões colocadas para a cidadania em nosso país.

No entanto, o olhar eurocêntrico sobre o saber desconsidera outros rincões em que exista a produção de conhecimento que não sejam aqueles representados por suas instituições de ensino. Esse mesmo olhar, ao tratar da cultura negra, a vê como um objeto de estudo que não tem história, não tem passado, não tem significado político, ao mesmo tempo que trata de temas de forma reducionista sem visualizar sua constituição complexa, não articulando suas distintas dimensões. Diante disso, é necessário, então, eleger um novo paradigma científico que possibilite o rompimento com a tradição acadêmica eurocêntrica colonial, capaz

de compreender a cultura negra epistemologicamente não como objeto, mas como sujeito, reconhecendo a indissociabilidade de se pensar cultura, memória, tradição, ancestralidade e identidade. Acredita-se que esse seja o caminho para a consolidação de novas perspectivas pedagógicas que articulem esses saberes à construção de pressupostos teóricos e práticos no campo da educação social.

Capoeira and social education: epistemological and political challenges for its educational practice

Abstract – This article is the result of reflections carried out during a doctoral research that investigated the contribution of Capoeira to the formation of black identity territories in the city of Belo Horizonte. We understand identity as a polysemic category in academia, however it is a fundamental concept when discussing territories and constitutive cultural matrixes of the peoples, the study claims the need to use new theoretical approaches that challenge our epistemological assumptions grounded in modern Western thought. Thus, seeking to break with the colonial Eurocentric perspective as well as pointing out possible links with the field of Social Education, this study emphasizes the perspective of a Complex Thinking proposed by Morin (2010) and the Historical-Cultural Theory developed by Rey (2013), and also the decolonial perspective promoted by Mignolo (2003, 2010) and Sodré (1988) as an alternative that provides theoretical support and enable a better understanding of phenomena proposed as object of study of this work.

Keywords: Capoeira. Identity. Culture. Social education. Complexity.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educa o nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 7 fev. 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GAULEJAC, V. de. *A neurose de classe: trajetória social e conflitos de identidade*. São Paulo: V a Lettera, 2014.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipula o da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1988.

GOMES, C. L. Verbete: Lazer – concepções. In: GOMES, C. L. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 119-125.

GOMES, C. L. Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. *Licere*, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 1-25, set. 2011.

GOMES, C. L.; ELIZALDE, R. *Horizontes latino-americanos do lazer*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KANITZ, R. C. M. *Capoeira Angola na favela: um ensaio juventudes, identidades e redes sociais*. 2011. Dissertação (Mestrado em Lazer)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Dossiê inventário para registro e salvaguarda da Capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília: 2007. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/conOrdemE.jsf?ordem=4>>. Acesso em: 5 maio 2012.

LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-Americanas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clasco), 2005. Disponível em: <<http://biblioteca.clasco.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>>. Acesso em: 5 ago. 2014.

LIMA, R. K. de; LIMA, M. A. de. Capoeira e cidadania: negritude e identidade no Brasil republicano. *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 34, p. 143-182, 1991.

MARQUES, W. E. U. *Infâncias (pre)ocupadas: trabalho infantil, família e identidades*. 2000. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)–Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

MIGNOLO, W. D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, W. D. *Desobediência epistêmica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidade y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2010.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NIGRI, B. S. *O samba no terreiro: música, corpo e linguagem como prática cultural – apontamentos para o campo do lazer*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

RAMOS, R. (Org.). *Danças circulares sagradas: uma proposta de educação e de cura*. 2. ed. São Paulo: Triom, 2002.

- REIS, L. V. de S. *O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.
- REY, F. L. G. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- REY, F. L. G. *O pensamento de Vygotsky: contradições, desdobramentos e desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 2013.
- RUTHERFORD, J. (Org.). *Identity: community, culture, difference*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.
- SODRÉ, M. *O terreiro e a cidade*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- SODRÉ, M. *Mestre Bimba: corpo de mandinga*. Rio de Janeiro: Manati, 2002.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

Recebido em julho de 2016.
Aprovado em setembro de 2016.